

## **Educomunicação uma proposta de intervenção para a aplicação da Lei 10.639-2003<sup>1</sup>**

Evaldo Gonçalves SILVA<sup>2</sup>  
Instituto Federal de Goiás – Campus Jataí, Jataí - Goiás  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia - Goiás

### **RESUMO**

A elaboração de uma proposta de intervenção colaborativa que possa proporcionar a implementação da Lei 10.639/2003, que trata da obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileiras na educação básica é a linha mestra que guia este trabalho. Neste sentido, propomos nos inserir no ambiente escolar como facilitadores da construção de mecanismos comunicacionais que deem conta da realidade do povo negro, instrumentalizando-o para que além de consumidor dos produtos midiáticos, possa tomar a agência de suas construções comunitárias e, dessa forma, construir identidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** educomunicação; mídia; identidade; relações étnico-raciais.

Em 9 de janeiro de 2013, poucos dias após assumir a presidência da República, Lula sancionou a lei nº10.639, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) para incluir a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas da rede básica de educação do Brasil. Entretanto, mais de uma década depois da sanção Lei os conteúdos relacionados à história e a cultura africanas e afro-brasileiras ainda não são plenamente ensinados.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no ST 01. História da África e ensino de história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil, do V Congresso Internacional de História Novas Narrativas e Epistemes Contemporâneas da Universidade Federal de Goiás (UFG) – Regional Jataí.

<sup>2</sup> Evaldo Gonçalves Silva é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás – UFG – Brasil, sob orientação da Profa. Dra Luciene de Oliveira Dias. É Servidor efetivo do Instituto Federal de Goiás (IFG) – Câmpus Jataí, onde ocupa o cargo de jornalista. Bolsista Fapeg, Especialista em Assessoria de Comunicação e Marketing pela Faculdade de Informação e Comunicação da UFG (2012). Formado em Comunicação Social – Jornalismo pela mesma Universidade (2009) E-mail: evaldo.silva@ifg.edu.br

A construção da Base Nacional Comum (BNC) tem sido polêmica, uma vez que ela altera o eixo central dos estudos de história, das sociedades europeias para as sociedades afro-ameríndias. A dificuldade em implementar a lei 10.639/2003 e as polêmicas provocadas pela mudança de foco no ensino de história, propostas pela BNC mostram a importância de se pesquisar tal temática. Uma vez que diversos fatores endógenos e exógenos ao ambiente escolar atravancam o cumprimento da legislação, podemos falar que a imagem que a mídia brasileira faz da temática pode influenciar positiva ou negativamente na implementação de tais conteúdos? Nesse sentido, verificaremos se uma metodologia baseada nos princípios da Educomunicação pode facultar a discentes, docentes, familiares e demais membros da comunidade escolar ferramentas necessárias para construir uma interpretação autônoma dos conteúdos relacionados à temática afro?

A opção pela Educomunicação foi tomada por que tal campo entrelaça os conceitos, métodos e técnicas da área comunicacional e da educação, de forma a promover transformação social. Assim, levamos em conta o professor Paulo Freire (1996) quando afirma “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou construção”. Em paralelo à leitura de Freire, usamos o conceito de Ismar de Oliveira Soares para Educomunicação:

(...) conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios massivos, usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas, e ampliar capacidade de expressão das pessoas (SOARES, 2002, p. 115).

Assim, a implementação de um projeto de educomunicação que possa problematizar a questão das relações étnico-raciais e da história e cultura afro-brasileiras possibilita que os “educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 1996, p. 26). Compactuando com a necessidade de oferecer mecanismos comunicacionais à comunidade escolar, Moacir Gadotti afirma:

A escola precisa produzir respostas à presença massiva e ideologicamente mercantil da grande mídia. Ela precisa produzir vídeos, jornais, instalar rádios escolares, entre outros. E não se trata apenas de aperfeiçoar um único meio, mas utilizar múltiplas mídias, superando a fragmentação com o uso de diferentes linguagens e formas de comunicação. Trata-se de produzir narrativas a partir das

necessidades mais sentidas pelos alunos, muito além daquelas que os estudantes consomem todos os dias. (Gadotti, 2007, p. 36)

No sentido do que Gadotti fala a respeito da produção de narrativas podemos vislumbrar que a instrumentalização da comunidade escolar desde os estudantes, passando pelos docentes até os familiares, além da comunidade limítrofe. A escola, assim, deve ser ocupada como um espaço de socialização e não apenas de letramento para os conteúdos curriculares. Sobre esta instrumentalização, lançamos mão das noções de gênero escolar, de Schneuwly & Dolz que tratam das definições do gênero de forma que com o estabelecimento das mesmas, se tornam mais efetivas as possibilidades de apropriação do gênero como instrumento pelos estudantes. Então, estes mesmos estudantes poderão utilizar gêneros não-escolares como ferramentas para o desenvolvimento das capacidades linguísticas a ele associadas.

Enfim, justifica-se a adoção desse objeto de pesquisa pela necessidade em se romper a invisibilidade que a história e a cultura afro-brasileiras ocupam no imaginário nacional. A frequente ausência de personalidades negras nos produtos midiáticos de maior audiência, ou o ocupar espaços subalternizados nesses mesmos produtos deve ser superada. Assim, com o projeto de Educomunicação os próprios estudantes poderão vislumbrar e construir coletivamente alternativas para conhecer, afirmar e reafirmar a identidade negra.

Este é um esboço preliminar do trabalho que pretendemos realizar como pesquisa no mestrado em Comunicação. Assim, almejamos estudar as relações entre os aparatos comunicacionais como ferramentas de apoio fundamentais para uma educação emancipatória. Nesse sentido, vamos ancorar nossa pesquisa em teóricos que militam por um panorama educacional contra hegemônico e, novamente citamos Paulo Freire.

Não podemos nos pôr diante de um aparelho de televisão “entregues” ou “disponíveis” ao que vier. Quanto mais nos sentamos diante da televisão, tanto mais risco corremos de tropeçar na compreensão de fatos e acontecimentos. A postura crítica não pode faltar. O poder dominante, entre muitas, leva mais uma vantagem sobre nós. É que, para enfrentar o artilheiro ideológico de que se acha envolvida sua mensagem na mídia seja nos noticiários, nos comentários aos acontecimentos ou na linha de certos programas, para não falar na propaganda comercial, nossa mente ou nossa curiosidade teria de funcionar epistemologicamente o tempo todo. (...) Mas, se não é fácil estar permanentemente em estado de alerta é possível saber que não sendo um demônio que nos espreita para nos esmagar, o televisor diante do qual nos achamos não é tampouco um instrumento que nos salva. (FREIRE, 1996, p. 72)

O autor destaca o espaço midiático tradicional como reproduzidor das ideologias dominantes, nesse sentido, em sua Pedagogia da Autonomia ele conclama que a formação não apenas de conteúdos, mas uma formação crítica. Caminhando na mesma direção, Muniz Sodré dialoga com Freire ao tratar de práticas que apontam para a “educação para o homem-sujeito”, sendo que essa formação integraria toda a carga de conhecimento que os indivíduos carregam de sua vida, independente do ambiente escolar. Percorreremos uma jornada no sentido de revelar a relação entre os estudantes-sujeitos da pesquisa a que nos propomos, questionamos se tais estudantes se sentiriam representados pelos produtos que acompanham na mídia em geral.

Por outro lado, mas tratando por um ângulo similar, Jesús-Martín-Barbero abarca um pensamento que é notadamente marcado pela transdisciplinaridade, de modo que podemos falar que a comunicação lida e incorpora conhecimento de várias áreas, que se tornam interdependentes como a sociologia, a linguística, a política, a cultura, a economia, a psicologia, a semiótica e, no caso específico deste texto, a educação.

O conceito de ecossistema comunicativo foi desenvolvido a partir das considerações de Martín-Barbero (2000), para quem a articulação entre tecnologias e meios de comunicação, além do conjunto de linguagens, representações e narrativas que se interconectam transversalmente no cotidiano. Já Soares (2002) afirma que para falar de ecossistemas comunicativos é imperativo retomar a noção de dialogicidade, uma vez que para a construção destes ecossistemas é necessária a busca pelo equilíbrio em ambientes plurais. Articulado a importância do conceito para a elaboração do campo educacional, ele destaca que a presença dos ecossistemas comunicativos no ambiente escolar deve priorizar a sanidade das relações entre educadores e educandos, além do acesso adequado às tecnologias da Informação.

As ações necessárias para implementação do que se conceituou como ecossistema comunicativo devem ser inclusivas, democráticas, midiáticas e criativas. Por isso não basta que a formação em Educomunicação seja oferecida exclusivamente aos docentes. É exigência básica do campo que docentes, estudantes e os demais membros da comunidade escolar alcancem certa compreensão do fenômeno educacional, pois apenas assim podemos vislumbrar relações que sejam verdadeiramente dialógicas e midiáticas na escola.

O próprio Martín-Barbero fala da importância da leitura freireana para a comunicação. No livro *A Comunicação na Educação*, de 2014 o pesquisador afirma que “o

primeiro aporte inovador da América Latina à teoria da comunicação produziu-se no e a partir do campo da educação: a pedagogia de Paulo Freire”. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.17) Neste possível diálogo entre Martín-Barbero (2003) e Freire (1996) afirmamos que devemos canalizar esforços nas mediações, ao invés de priorizar os meios.

Para isso, o acompanhamento dos processos de produção e circulação das mensagens é primordial na proposta de intervenção que ora apresentamos. Tal acompanhamento, sendo produzido no âmbito de uma pesquisa em Educomunicação permitiria que os estudantes utilizassem de forma livre sua criatividade, favorecendo à circulação de múltiplas vozes e na expressão dos sujeitos, diria Peruzzo (2005).

Como o foco de nossa pesquisa é a implementação de um projeto de Educomunicação capaz de atender à Lei 10.639/2003, além de abarcarmos pesquisadores que estudam a comunicação, a educação e sua interface estabelecida nos próprios conceitos de Educomunicação também iremos nos apoiar em estudos oriundos dos campos da etnografia e da antropologia. Para esse recorte, recorreremos a nomes como os de Reginaldo Prandi e Pierre Verger, pesquisadores que se debruçaram nos temas ligados às manifestações religiosas de matriz afro-brasileira.

Para a execução do trabalho que ora propomos a metodologia básica que iremos utilizar é a revisão bibliográfica. Os primeiros passos que devemos seguir é nos debruçar exaustivamente a respeito do que há publicado a respeito dos conceitos a respeito dos quais trataremos. Dessa forma, é fundamental que enquanto pesquisadores nos esforcemos no sentido de esgotar certa fatia de autores que tratam de relações étnico-raciais, história e cultura afro-brasileira, Educomunicação, identidade e cidadania.

Partindo do espectro comunicacional, as pesquisas de John Thompson e Muniz Sodré irão ancorar a produção intelectual a que nos propomos. Nesse sentido, é interessante afirmarmos que o professor Sodré, além de ser um expoente do pensar comunicacional brasileiro é profundo conhecedor da cultura afro-brasileira. Em entrevista ao Observatório de Favelas<sup>3</sup>, em 2012, ele afirmou, a respeito dos negros nos meios de comunicação:

---

<sup>3</sup> O Observatório de Favelas é uma organização da sociedade civil de pesquisa, consultoria e ação pública dedicada à produção do conhecimento e de proposições políticas sobre as favelas e fenômenos urbanos. Criado em 2001, o Observatório é desde 2003 uma organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP). Com sede na Maré, no Rio de Janeiro, sua atuação é nacional. Foi fundado por pesquisadores e profissionais oriundos de espaços populares, sendo composto atualmente por trabalhadores de diferentes espaços da cidade.

Sabemos que quem dirige estes meios são sujeitos de classe dominante, brancos. E a invisibilidade do negro para a maioria deles também é natural e vem de muito tempo. Anos atrás, quando eu trabalhava na Editora Bloch, o Zuenir Ventura sugeriu a um dos editores, colocar como foto de capa Lupicínio Rodrigues e o editor disse que não. Nós questionamos e o editor disse que negro não vendia. Zuenir retrucou dizendo que no carnaval vendia e ele reforçou: no carnaval. Situações como estas se repetem ainda hoje e estão ligadas as representações que todo o tempo querem ser reafirmadas. Mas temos que reconhecer que houve uma melhora, não podemos nos acomodar no discurso do ressentido. E atribuo estes avanços, ainda que pequenos, aos negros que tem compromisso com a comunidade, com a História a que pertencem. Porque não é a cor da pele quem define o negro, é o seu comprometimento com sua essência e suas origens.

Ao mesmo tempo em que tratamos da necessidade de tencionar para que possamos falar de história e cultura afro-brasileira na educação básica, por meio dos mecanismos educacionais, voltamos a Martín-Barbero (2014) quando ele afirma que “escrever sua história é, na América Latina, iniciar a destruição dos muros que a impedem de se comunicar com sua memória, relegada ao vazio ou à nostalgia a partir do dia posterior à conquista, e mistificada pelos próprios processos de independência”. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 27)

Este é um sinal inequívoco do silenciamento de populações subalternizadas, por isso sentido, retomamos às polêmicas da Base Curricular Comum. A ressignificação do ensino de história e sua mudança de fluxo, afastando um pouco a orientação do Norte epistemológico para o Sul, aproxima educadores e educandos da força necessária para quebrarem eles próprios os muros de que fala Martín-Barbero).

A forma de superar o silenciamento é, em parte, a construção do protagonismo que o campo educacional oferece. A prática da Educomunicação abarca uma outra noção de Paulo Freire, que é a dialogicidade, da qual já tratamos. Nesse sentido, a pedagogia de Freire é em certa medida subversiva, uma vez que é necessário que os sujeitos educandos assumam a palavra a partir de suas próprias concepções de mundo. Ele afirma “ensinar não se esgota no “tratamento do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível”. (FREIRE, 1996, p.26)

A pesquisa é orientada por afetos, dessa forma a escolha temática, metodológica e mesmo de campo tem motivos paralelamente objetivos e subjetivos. Enquanto pesquisador,

renegamos a absoluta neutralidade. Assim foram feitas as escolhas pelo objeto, pelo enfoque que daremos ao mesmo e até mesmo ao campo que pesquisaremos. Nesse sentido, encontramos apoio na etnografia de Jeanne Favret-Saada, que no texto *Ser Afetado*, destaca sua experiência ao pesquisar a feitiçaria rural no Bocage Francês. Contrariando aqueles que tratam do ser etnógrafo como maquiar a experiência de campo, ela afirma:

Escolhi conceder estatuto epistemológico a essas situações de comunicação involuntária e não intencional: é voltando sucessivamente a elas que constituo minha etnografia. Segundo traço distintivo dessa etnografia: ela supõe que o pesquisador tolere viver em um tipo de schize. Conforme o momento, ele faz justiça àquilo que nele é afetado, maleável, modificado pela experiência de campo, ou então àquilo que nele quer registrar essa experiência, quer compreendê-la e fazer dela um objeto de ciência. As operações de conhecimento acham-se estendidas no tempo e separadas umas das outras: no momento em que somos mais afetados, não podemos narrar a experiência; no momento em que a narramos não podemos compreendê-la. O tempo da análise virá mais tarde. Os materiais recolhidos são de uma densidade particular, e sua análise conduz inevitavelmente a fazer com que as certezas científicas mais bem estabelecidas sejam quebradas. (FAVRET-SAADA, 1990, p. 08)

A pesquisa será realizada no Câmpus Jataí do Instituto Federal de Goiás (IFG). A instituição chegou a Jataí em 1989, como Unidade Descentralizada (Uned) da Escola Técnica Federal de Goiás (ETFG), que surgiu da antiga Escola de Aprendizes e Artífices fundada em 1907 na Cidade de Goiás. Em 1999, a ETFG foi transformada em Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefets) até que por fim, em 2008, os Cefets foram transformados em Institutos Federais.

Com o material resultado da pesquisa bibliográfica e documental em mãos, nosso trabalho nos leva a uma aproximação com o campo. A leitura da presença, ou não, de ações educacionais relacionadas à temática da Lei e da Educomunicação deverá ser analisada pelo pesquisador a partir do contato com os sujeitos da pesquisa. Para isso, nos propomos a antes de realizar as oficinas promover entrevistas semi-estruturadas com docentes e discentes da instituição.

Pretendemos que estas entrevistas sejam realizadas em três fases, na verdade. Em primeiro lugar, selecionaremos docentes das áreas correlatas à aplicação da lei para fazermos pré-teste do nosso roteiro de entrevista. A partir do pré-teste, avaliaremos se o instrumento de coleta é pertinente, se ele atende aos objetivos da pesquisa e se por ele

conseguimos acessar os dados necessários para os ajustes prévios ao projeto de intervenção. A segunda fase de entrevistas, também antes da implementação do projeto de Educomunicação, será realizada também com os docentes da área e com um grupo representativo de estudantes da turma que participará do projeto de intervenção.

Neste segundo momento de entrevistas, poderemos vislumbrar como se articulam as ações dos docentes, se elas se articulam e como elas afetam aos estudantes e aos próprios estudantes. Por outro lado, também verificaremos de que forma os sujeitos acessam os conteúdos referentes à temática da história e da cultura afro brasileira nas mídias. Já no bloco final de entrevistas, pretendemos reproduzir os questionários iniciais para verificar textualmente como os sujeitos da pesquisa foram afetados pelo projeto de Educomunicação.

O roteiro das entrevistas seguirá com blocos de pergunta. O primeiro deles tratará dos dados pessoais dos entrevistados; em seguida perguntaremos aos professores a respeito da Lei 10.639/03 e suas impressões a respeito dela; o terceiro bloco de perguntas se refere à forma como os respondentes veem a presença da negritude nos meios de comunicação (e que tipo de meios de comunicação eles acessam); finalizaremos as entrevistas com um último bloco que trata da atuação ou não atuação do docente na aplicação dos conteúdos da história e cultura afro brasileiras. Além disso, haverá um espaço final aberto para impressões que julguem necessárias e que não foram contempladas pela entrevista.

## REFERÊNCIAS

Brasil. **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira” e dá outras providências. D.O. DE 10/01/2003, P. 1

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GADOTTI, Moacir. **O jornal na escola e a formação de leitores**. Brasília: Liber Livro, 2007

FAVRET-SAADA, Jeanne. 1990. **Être A ecté**. In: Gradhiva: Revue d Histoire et d Archives de l Anthropologie, 8. pp. 3-9.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora 1992.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos Meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.



---

**A Comunicação na Educação.** São Paulo: Contexto, 2014.

Observatório de Favelas, **Muniz Sodré: o eterno Novo Baiano** Disponível em <<http://of.org.br/noticias-analises/muniz-sodre-o-eterno-novo-baiano/>> . Acesso em 10/01/2016.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. (1997). Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004. p. 71-91.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. Alfabetização e Educomunicação: o papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida. Disponível em <[www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf](http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf)>, 2003. Acesso em 20/11/2015.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2012.

\_\_\_\_\_. **Educação E Rádio Comunitária, Educomunicação e desenvolvimento local**. V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22-setembro 2005., 20p

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.